

LINN DA QUEBRADA: A IMPORTÂNCIA DO NARRAR-SE PARA A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Marluci Meinhart^{ID¹} e Saraí Patrícia Schmidt^{ID²}

Resumo

Este trabalho versa sobre a importância da vida e obra de mulheres como Linn da Quebrada, que, por meio de sua existência e resistência, evidencia a pluralidade das existências e de todos os modos de vida. Trata-se de uma análise de literatura, que revisa e perpassa teoricamente autores da literatura, história, cultura e mídia. A partir de autores como Roque Laraia, Homi Bhabha e Edward Said, faz-se uma análise crítica a respeito de como Linn da Quebrada narra-se na sociedade atual, enquanto mulher, negra, transexual, rapper e militante, colocando-se enquanto precursora de sua carreira e da narrativa de sua obra e existência e constituindo no imaginário social sua identidade, que transgride os padrões de sexo, gênero e afetividades. Considera-se que é de extrema importância social essa narrativa identitária, tanto para o cenário nacional quanto para a construção de possíveis, que servem de inspiração a crianças e jovens que buscam algum acolhimento neste contexto de constantes retrocessos e ataques às vidas não padronizadas em que vivemos.

Palavras-chave: Linn da Quebrada; Transexual; Narrativa e Cultura.

LINN DA QUEBRADA: THE IMPORTANCE OF NARRATING YOURSELF FOR THE IDENTITY CONSTITUTION IN THE SOCIAL IMAGINARY

Abstract

This work deals with the importance of the life and work of women like Linn da Quebrada, who, through their existence and resistance, evidence the plurality of existences and all ways of life. It is a literature analysis, which theoretically reviews and permeates authors from literature, history, culture, and media. From authors such as Roque Laraia, Homi Bhabha and Edward Said, a critical analysis is made about how Linn da Quebrada narrates herself in today's society as a woman, black, transsexual, rapper, and activist, placing herself as a precursor of her career and the narrative of her work and existence, constituting in the social imaginary their identity that transgresses the standards of sex,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, bolsista Capes. Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

² Doutora em Educação na linha Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social e Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Coordenadora do Grupo de pesquisa Criança na Mídia: núcleo de estudo sem Comunicação, Educação e Cultura.



gender, and affectivity. Linn da Quebrada's identity narrative is of extreme social importance, both for the national scenario and for the construction of possibilities, which serve as inspiration for children and young people who seek shelter in this context of constant setbacks and attacks on lives. Non-standard in which we live.

Keywords: Linn da Quebrada; Transsexual; Narrative and Culture.

1. Introdução

A padronização das identidades e dos modos de vida é emergente, em um país que vive um contexto político de retrocessos, uma onda conservadora que busca aniquilar outros modos de vida que não sejam aqueles inseridos na norma histórica e culturalmente construída. Na contramão disso, encontramos corpos e modos de vida insurgentes que, por meio da existência e da arte, provocam rachaduras nessas normativas.

A importância de olhar para mulheres como Linn da Quebrada e a complexidade de sua existência fica evidente quando atentamos ao fato de que o Brasil é o país que mais mata³ pessoas transexuais no mundo. Nesse cenário caótico de constantes retrocessos e ataques às vidas das pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo e compulsório, a imposição de um tipo de identidade padrão, que se baseia no homem, cisgênero, heterossexual, branco e classe média, torna-se uma violência constante para a população que, de alguma maneira, não se enquadra nesse escopo.

Dessa maneira, insere-se no senso comum a ideia dos papéis de gênero que são atribuídos a cada um dos sexos biológicos, de forma que, quando essas funções construídas historicamente são subvertidas, acarretam a visão de um processo de transgressão. É o caso de homens e mulheres transexuais, que são constantemente alvos de estigmatização, violência, preconceito, intolerância e ataques.

Por esses motivos, Linn da Quebrada vem tornando-se uma referência identitária e artística para a população LGBTQIA+, negra e pobre, que olha para o seu corpo não padronizado e escapante à norma como construtor de uma ponte possível para um país mais acolhedor, menos preconceituoso e que legitime todos os corpos e afetos. Nesse sentido, colocar essa discussão em pauta, de forma ampla e multidisciplinar, em ambientes acadêmicos, torna-se cada vez mais urgente. Ou seja, pensar a vida e a obra de Linn da Quebrada faz com que nos atentemos para a pluralidade da arte e para a forma como a cultura pode também ser um disparador de provocações potentes que nos fazem olhar para gênero, sexualidade e raça como produtores e produzidos e, portanto,

³ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/stories/2021/02/01/visibilidade-trans-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo.ghtml>



também passíveis de complexificação e desconstrução. Louro (2000) afirma que a sexualidade é uma invenção produzida através de muitos discursos e práticas sociais que não somente atravessam, mas também regulam, normatizam e controlam os sujeitos.

Analizar Linn da Quebrada significa propor uma análise interdisciplinar e multifatorial, uma vez que tal objeto requer múltiplas formas de olhar para a complexidade dos corpos, a partir de diversas áreas teóricas e, principalmente, a partir das concepções de cultura e da compreensão dos processos de narrativa, das concepções de identidade e das colocações midiáticas como elementos que interferem diretamente na constituição dos padrões que regem socialmente os corpos, os afetos, as violências e as formas de se colocar no mundo.

Objetivando olhar com criticidade para a formação das identidades a partir das normativas sociais, este estudo pretende contribuir para a desconstrução das narrativas padronizadas, padronizantes e preestabelecidas, que consideram sexo, gênero, raça e identidade como constructos históricos não passíveis de complexificação, fixos e imutáveis. Buscando-se não encontrar respostas, mas, sim, mais perguntas possíveis para esse debate, pode-se pensar este texto como um instrumento constituinte das forças contrárias à repressão social que prossegue contra a cultura considerada subversiva, que contrária a norma, irradia possibilidades de subversão a uma lógica que busca aprisionar manifestações culturais possibilitadoras da vida e da potência da diversidade.

Em termos metodológicos, trata-se de uma breve e pontual revisão de literatura, tendo como foco relacionar autores da literatura, história, cultura e mídia. A partir das contribuições de autores como Roque Laraia, Homi Bhabha e Edward Said, faz-se uma análise a respeito de como Linn da Quebrada narra-se na sociedade atual, enquanto mulher, negra, transexual, rapper e militante, colocando-se enquanto precursora de sua carreira e da narrativa de sua obra e existência e constituindo no imaginário social sua identidade, que transgride os padrões de sexo, gênero e afetividades.

2. Quem é Linn da Quebrada?

De nome civil Lina Pereira, Linn da Quebrada é uma mulher, negra e transexual, nascida na periferia de São Paulo. Foi criada dentro de uma religião cristã, e por muito tempo condenada por ela por sua sexualidade e modo de se comportar. Enfrentou muitos preconceitos dentro e fora de sua família e buscou construir estratégias para seu fortalecimento diante das amarras heteronormativas, que, por muito tempo, deixaram-na sem conseguir manifestar sua sexualidade, seu trabalho e sua identidade.

Em seu próprio nome, a artista já traz a ideia de uma pessoa que sempre foi colocada à margem, descentralizada dos padrões sociais e menosprezada pela sociedade de forma geral. “Da Quebrada” traz a ideia da periferia como constituinte desse corpo, atribuindo também a ela uma identidade geográfica.



Pode-se pensar no nome nunca como um mero símbolo, mas como parte da personalidade de quem o porta, sendo uma propriedade a ser resguardada com todo cuidado e cujo uso exclusivo deve ser estritamente reservado àquela pessoa (CASSIRER; FROEHLICH, 2009). Podemos pensar, assim, que o nome, a língua e a arte produzida por Linn são uma linguagem própria, constituindo um espaço de representação da realidade da artista, muitas vezes negada, silenciada e rechaçada.

Linn iniciou sua carreira como performer, enquanto fazia suas primeiras composições musicais. Foi em 2016 que lançou sua primeira música, chamada “Enviadescer”, por meio do Youtube. A música fez sucesso e impulsionou o início de sua carreira musical. Durante o mesmo ano de 2016, lançou as músicas “Teatro”, “Bixa Preta” e “Mulher”, ambas ovacionadas pelo público e aclamadas pela crítica. A partir disso, a artista saiu em turnê nacional, consagrando-se como compositora, cantora, rapper e performer.

A artista também teve sua passagem pelos cinemas, iniciada em 2017, participando do documentário “Meu Corpo é Político”, que conta a história de quatro militantes LGBTQIA+, sendo a de Linn uma das histórias contadas. Foi em 2019 que Linn passou a ter maior visibilidade nacional, por estrear como atriz na Rede Globo, na série Segunda Chamada, em que interpretou a travesti Natasha, uma aluna do Colégio Carolina Maria de Jesus, onde grande parte do elenco trabalhava e/ou estudava.

Nesse mesmo ano, Linn continuou sua trajetória nos cinemas, protagonizando o documentário Bixa Travesty, que conta a história de Linn enquanto artista transexual, que enfrenta o machismo e a transfobia em suas diversas facetas. Seu documentário estreou no Festival de Cinema de Berlim no dia 18 de fevereiro e venceu o Teddy Award de melhor documentário LGBT. Foi também em 2019 que estreou como apresentadora, no programa *Transmissão* do Canal Brasil, que se configurou como o primeiro talk show comandado por uma pessoa transexual no Brasil. O programa estreou com o foco de debater, de uma maneira descontraída e elucidativa, sobre assuntos como gênero, sexualidade e raça, para todo os públicos.

No final do ano de 2019, Linn da Quebrada lançou a música chamada “Oração”, e gravou o clipe da música somente com mulheres negras e transexuais, em uma igreja em ruínas. Mesmo tendo autorização para a gravação, enfrentou repressão policial durante as gravações, sendo necessário explicar os procedimentos do clipe em todas as vezes em que ela e sua equipe foram abordadas pela polícia, que tentou interromper a gravação. A música inicia com as seguintes frases: “Eu determino que termine aqui e agora. Que termine em mim, mas que não acabe comigo [...] Que amanhã seja diferente pra elas, que haja outros problemas e outras soluções”.

O clipe, além de ser um manifesto pelas vidas de mulheres transexuais, também denuncia, de diversas maneiras, todas as violências sofridas por essa população, ressaltando a conturbada relação entre a instituição religião e a aniquilação de outras formas de corpos, vidas e afetividades que não aquelas adaptadas a uma normativa cristã. Em uma determinada estrofe da música, Linn



denuncia: “Não queimem as bruxas, mas que amem as bichas”⁴. A própria cantora considera a música como um hino à comunidade LGBTQIA+.

3. A narrativa de si e a cultura como ferramenta de desconstrução

Iniciam-se as teias dessa tecitura entre cultura e o processo de narrar-se olhando-se para a cultura como uma invenção, que, segundo Wagner (2018), só é tornada visível quando ocorre o chamado choque cultural, pensando que a criação de um ser estranho pela sociedade é necessária para a manutenção do padrão daqueles seres que seriam os normais. Assim, construir um corpo estranho, um estereótipo do diferente, que é normalmente carregado de estigmas e violências, é o que torna visíveis as normas de determinada cultura e choca o tecido social.

Esse tal comportamento desviante, apesar de ser muito importante para a desconstrução dos estereótipos e para o fim das violências, é uma produção histórica, que vem de uma herança cultural construída por meio de muitas gerações, condicionando-nos a depreciar corpos e comportamentos que fogem dos padrões aceitos pela maioria da comunidade (LARAIA, 2007).

O mesmo autor ainda nos ajuda a pensar sob a perspectiva dessa dicotomia entre “nós e os outros” (LARAIA, 2007, p. 73) em que existe uma crença de um povo eleito, soberano e predestinado - atravessamento direto da religião nesse processo, especialmente do cristianismo - e essa crença faz com que esse povo se pense e se narre superior aos demais. Tal crença, portanto, contém o germe da intolerância, e é frequentemente utilizada para justificar atos de preconceito e violência contra aqueles que são considerados os outros. O autor complementa dizendo que “a chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como quebra da ordem social” (LARAIA, 2007, p. 73).

Pode-se pensar, dessa forma, que o fato de se narrar e o modo como se narram os grupos minoritários perturbam essa ordem preestabelecida e hegemônica E isso justifica o fato de, por muito tempo, esses grupos terem sido silenciados e, até mesmo, aniquilados do tecido social.

Sabe-se também, a partir de Foucault, que a sexualidade é um dispositivo histórico em que a estimulação dos corpos, “a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e da resistência encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1985 p. 116-117).

Sobre isso, Charaudeau (2009) diz que a identidade social confere ao sujeito o direito à palavra, ou seja, o direito de narrar-se. O autor justifica dizendo que a particularidade da identidade social é a maneira como ela é reconhecida pelos outros. Assim, entende-se que quando se tem o direito de narrar-se, o direito à palavra, tem-se também legitimidade e possibilidade de

⁴ Música e clipe disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>

contar sua própria história, independente e livre de convenções sociais e normativas impostas culturalmente.

Há, portanto, a criação de um entrelugar para o estranho, aquele que não se encaixa em determinada cultura. Esse entrelugar na cultura, ocupado majoritariamente pelas minorias, especialmente no Brasil, denuncia que uma cultura não comporta um sentido universalizante, ou seja, que um modo apenas de ser sujeito não abarca todos os demais (BHABHA, 2011).

A pluralidade das existências e a multiplicidade de engendramentos possíveis na constituição da cultura são resultado da hibridização por meio da qual nosso país se constituiu. Linn da Quebrada exemplifica isso na música “Oração”, quando cita “sem nação, mesmo que nascam”. É necessário pensar nesse entrelugar como um dentro-fora, ou um fora que faz parte do todo.

“A inscrição do sujeito pertencente a uma minoria, situada em algum lugar entre o visível demais e o não visível o bastante, faz pensar sobre o conceito de diferença cultural, que é diferente de diversidade” (BHABHA, 2011, p. 53). Há, entre diferença cultural e diversidade, um entrelugar: aquele em que, ainda que sejam vistos, são lembrados e discriminados. Há na diversidade uma potência para criação e reinvenção, contrário a essa diferença cultural, em que se colocam os sujeitos apenas nesse espaço de estranho e de ameaça àqueles que são os iguais.

A mesma noção de estrangeiro e igual é apresentada por Said (2007), que defende que uma civilização fabrica as suas próprias ficções para aprender a lidar com a diversidade de culturas ao seu redor. O hibridismo cultural aparece aqui mais uma vez como uma máquina disparadora de potências e também de entrelugares. O autor utiliza-se da relação entre Ocidente e Oriente como analogia às relações de poder e de dominações, que se configuraram como uma complexa hegemonia que possui muitos graus. Pode-se pensar, dessa forma, a hegemonia dos grupos autoritários sobre os grupos minoritários, como pessoas LGBTQIA+, que sofrem repressão por não conseguirem incluir-se nas ferramentas de dominação nem nas instituições repressoras.

A repressão e a violência sofrida pelos grupos que não estão dentro vêm majoritariamente das instituições que representam o Estado, aquele que deveria ser a instituição que acolhe. A polícia, a religião, o exército e a burocracia como um todo são as grandes responsáveis pela violência, especialmente quando ela se concretiza no plano material.

Said (2007) defende que essas instituições têm um papel de dominação direta na sociedade política, e que a cultura precisa estar em operação dentro dessa sociedade civil, para que, na contramão da repressão e da violência, as ideias funcionem como reflexão e consenso, fazendo uma espécie de resistência a tudo aquilo que se estabelece de maneira arbitrária. Quando a reflexão e o consenso são colocados em prática, tornam-se uma ameaça à ordem social, vista como única possibilidade de controle sobre os corpos. O narrar-se torna-se possível então aos grupos minoritários, fazendo com que o poder hegemônico se sinta ameaçado e lance mão de mecanismos coercitivos, como armas de fogo, violência física e privação de liberdade.



Sobre essa autoridade, o autor afirma que “é virtualmente indistinguível de certas ideias que significa como verdadeiras, e de tradições, percepções e julgamentos que forma, transmite, reproduz” (SAID, 2007, p. 49-50). Essa autoridade está tão culturalmente arraigada, que se torna uma espécie de verdade entre os membros de uma mesma cultura, levando à legitimação de atos de coerção que buscam reprimir corpos desviantes.

4. Resultados e discussões

É importante pensarmos, a partir de todas essas provocações, o quanto é necessária a construção de uma identidade no imaginário social para pessoas que pertencem aos grupos minoritários. Quando Linn da Quebrada coloca em evidência a identidade de uma mulher, negra, transexual, artista e livre, torna-se também uma referência para muitas mulheres como ela, para muitas crianças que se sentem representadas, além de apontar caminhos possíveis para a construção de uma sociedade que aposte no hibridismo e na multiculturalidade de seu povo como potência de vida.

Essa identidade, que pode não ser fixa e imutável, mas também passível de complexificação e de mudanças, também estabelece um lugar de fala para tais minorias: é possível representar muitas vozes em uma só, contanto que essas se sintam parte daquele grupo, daquele dentro-fora. O lugar de fala, que não deve ser um lugar de exclusão ou invalidação de outras vozes, mas, sim, um escopo necessário para que todos sejam ouvidos, também se faz a partir dessa (re) construção de identidade, no momento em que poder narrar-se é poder também existir e representar.

Nesse sentido, é necessário repensar a identidade cultural na pós-modernidade, uma vez que não se pode mais deixar espaços para que o totalitarismo e as manifestações antidemocráticas cresçam e reverberem suas crenças. A cultura precisa ser reconstruída de modo a ser espaço de fala para todos.

Ainda por essa via, Santos (2017) ajuda-nos a pensar sobre a importância de estudar a cultura de maneira ampla e descentralizada. Ele diz que a compreensão da cultura exige pensar os diferentes povos, nações, sociedades e grupos humanos, todos eles em interação e em movimento, uma vez que a cultura também não é algo fixo e imutável. Da mesma maneira que se constrói, também se pode desconstruir. Se tudo é processo de construção, também tudo é processo de desconstrução e reconstrução.

À medida que interagem e movimentam-se, esses grupos identitários também vão hibridizando-se com as suas múltiplas facetas e formas de existências, fazendo com que dali originem-se novos povos, novas comunidades e novas formas de ser e estar no mundo. Essas alteridades são também novas formas de identidade social e, portanto, inserção no tecido e no imaginário social, e são fundamentais para o imaginário, a linguagem, os locais de fala e a legitimação dos corpos.



Não é possível falar em cultura sem falar das relações humanas, nem falar de relações humanas sem permear as culturas. Por isso, Santos (2017) defende que a cultura deve ser uma plataforma firme de combate aos preconceitos, contribuindo para a dignidade e a afirmação e legitimação de todas as identidades. E isso só se dá por meio da possibilidade de todos construírem suas identidades sociais com liberdade e autonomia, podendo viver seus corpos, sexualidades e culturas com segurança e com todos os seus direitos garantidos. Faz-se necessário garantir que todos possam narrar-se, contando a sua identidade e representando seus grupos identitários de forma congruente, segura e democrática, sem ameaças ou rechaços.

Linn da Quebrada vem fazendo esse movimento e ecoando vozes de muitas mulheres por ela representadas. Por meio de sua existência e arte, tem tecido no imaginário social uma nova identidade para as mulheres transexuais: não oprimidas, mas subversivas e provocadoras. Mesmo com rechaço, Linn nos mostra que é possível ainda acreditar na construção de um caminho possível, onde a hibridização dê sentido às relações e não submeta minorias a condições de indignidade e subserviência.

Dessa maneira, entende-se a existência e o trabalho de Linn da Quebrada por si só como um manifesto pelo direito de todas as formas de existência. Colocando-se a opressão em discussão por meio da arte e da própria identidade, pode-se perceber que lutar por um espaço de fala e de escuta ainda é necessário para mulheres e artistas como Linn, que, muitas vezes, têm negados direitos básicos.

Além disso, promover essa reflexão por meio de manifestações culturais nos dá a possibilidade de repensar a maneira como nosso país vem sendo subjetivado e representado culturalmente, artística e criticamente, uma vez que a censura manifesta novamente suas tessituras no contexto nacional. Pensar a arte como manifestação livre e independente é necessário para a proliferação de uma cultura crítica e de reflexão, tão importante na formação de sujeitos críticos e politicamente engajados.

É importante pensarmos também as relações de poder e saber que estruturam a nossa sociedade, uma vez que elas têm muito a ver com quem está dentro e quem está fora da norma. Esquematizada especialmente pelo capitalismo, nossa sociedade insiste em controlar as sexualidades e os corpos também em relação ao capital, articulando estratégias perversas para não incluir pessoas LGBTQIA+ no mercado de trabalho, na educação, na mídia e em todas as instituições que regem o tecido social. E quando inclui, acaba também fazendo de forma estigmatizada. Para essa compreensão, basta olhar como a população LGBTQIA+ foi, por muito tempo, representada nas grandes mídias: o estereótipo do homem gay super afeminado e a população transsexual trabalhando exclusivamente na prostituição. Assim, essa camada chamada de minoria tende a permanecer velada e sem a possibilidade da autonarrativa.

A partir disso, surge a importância de uma identidade social que se paute na maneira como aquele sujeito quer ser lido e percebido no mundo, na maneira como tal pessoa quer que a sua existência seja legitimada na sociedade. Muito

se fala na representatividade de grupos minoritários e na forma como esses vêm sendo, aos poucos, trazidos pela mídia, pela literatura e pelas demais artes, buscando-se, de alguma maneira, fazer uma reparação histórica a todas as violências já sofridas. É importante pensar em uma identidade social como parte de um discurso de libertação das minorias, de representatividade e como um modo de se fazer ver e existir.

5. Considerações finais

A construção de uma identidade social vem sendo um processo recorrente, insurgente e necessário, especialmente para pessoas que representam determinados grupos minoritários. Quando se trata da arte, isso se intensifica, uma vez que essa precisa ser uma forma de manifestar posições éticas, de alteridade e da construção de um lugar de fala. Nesse sentido, podemos pensar Linn da Quebrada como precursora: ela inaugura um novo lugar para mulheres transexuais negras, que vai desde a criação dessa nova identidade social até as possibilidades de um novo lugar na sociedade e nas estruturas de poder, que está diretamente ligado a essa nova identidade social.

A partir da revisão da literatura e da análise dos impactos culturais que a figura de Linn da Quebrada vem tendo no contexto nacional, especialmente nos últimos quatro anos, considera-se de extrema importância a sua existência e resistência por meio da arte e pela forma como se coloca entre as instituições que compõem o tecido social. Evidencia-se a importância disso para uma nova geração de homens e mulheres que não se enquadram no padrão masculino, heteronormativo e branco, no sentido de terem a possibilidade de prospectar um novo jeito de estar no mundo, com dignidade, acesso a todos os direitos, inserção na educação e no mercado de trabalho, direito de narrar-se e de sentir-se representado também nas diversas mídias. Uma representação que não seja estigmatizada, preconceituosa e estereotipada, mas que aposte justamente na diferença como uma potência de reinvenção da vida, não como algo a ser aniquilado.

Precisamos, enquanto produtores e reprodutores da cultura e das normas sociais, repensar a padronização dos corpos e das identidades; pensar caminhos insurgentes que passem pela arte, pela representatividade, pela mídia, pela educação, pelo mercado de trabalho e por todas as instituições que atravessam e compõem o regime capitalista e exploratório em que vivemos. Somente repensando, desconstruindo e reconstruindo, teremos uma sociedade efetivamente para todos.

Conclui-se, então, que o narrar-se é fundamental para esse caminho de insurgências, rupturas e quebra das normativas escravizadoras. O direito ao narrar-se, de forma digna, sem amarras e libertária, constitui uma das principais formas de construção de uma nova identidade, que, ainda que seja nova, é importantíssima e necessária às camadas que chamamos de minorias sociais. Narrar-se enquanto minoria e fora do padrão significa tornar-se visível. Em uma



palavra mais acertada, significa existir. O direito à existência está, então, intimamente ligado ao narrar-se por si e em si, sem deixar com outros o narrarem. Linn da Quebrada vem fazendo com maestria esse processo, narrando-se a si mesma e a todas as mulheres que concedem a ela o direito de suas representações.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses.** Org. de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. **O trabalho da tradução.** Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. V. 1. A vontade de saber.

FROEHLICH, Neila Salete Gheller. CASSIRER, Ernest. Linguagem e Mito. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Scahnaderman. São Paulo: Perspectiva, 2009. **Revista ECOS**, v. 11, n. 2, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 21º edição. Rio de Janeiro, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Editora Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Jose Luiz. **O que é cultura.** Brasiliense, 2017.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

Recebido em: 28 de abril de 2022.
Aceito em: 28 de setembro de 2022.
Publicado em: 31 de janeiro de 2023.

